

O papel da frequência na gramaticalização do *que*: análise das estratégias de relativização no português do Brasil

Bianca Graziela S. Gomes Silva – UFRJ*
Célia Regina dos Santos Lopes – UFRJ/CNPq**

RESUMO: Este trabalho focaliza o processo de gramaticalização do item *que*, no português brasileiro, a partir das três estratégias de relativização concorrentes (padrão, cortadora e copiadora) em uma amostra de fala e de escrita. Parte-se de um *corpus* constituído por entrevistas do “Grupo de Estudos Discurso & Gramática no Rio de Janeiro – UFRJ”. Utilizou-se uma amostra de fala e escrita para testar o comportamento dessas orações e verificar a hipótese de que o item *que* estava passando por um processo de gramaticalização. Analisou-se o comportamento da forma *que* em substituição aos demais pronomes relativos, assim como a frequência de uso da construção relativa de sujeito e objeto direto e sua influência no uso da estratégia cortadora nas orações relativas de sintagma preposicional.

Palavras-chave: Gramaticalização; Estratégias de relativização; Pronome relativo; Conector.

Introdução

O presente trabalho propõe estudar as estratégias de relativização em português à luz dos pressupostos teóricos que discutem o fenômeno da gramaticalização (HOPPER, 1991; HEINE, 1991-2003; HOPPER & TRAUGOTT, 1993; COMPANY, 2002-2003; BYBEE, 2003), a partir da análise do comportamento das relativas em um *corpus* de fala e escrita.

Diversos estudos sincrônicos e diacrônicos discutem o comportamento das estratégias de relativização no português do Brasil (Cf. KATO, 1981; TARALLO, 1983; CORRÊA, 1998; BARRETO, 1996; MOLLICA, 1977-2003, entre outros). O principal objetivo desses trabalhos é analisar as duas construções de relativização não previstas na gramática tradicional, a relativa cortadora (1) e a relativa copiadora (2)¹, que vêm se tornando - a primeira mais do que a segunda - produtivas no português do Brasil. Essas construções convivem com a relativa padrão (3), construção oracional com pronome relativo que encontra lugar na tradição gramatical.

(1) O caminhão *que* eu trabalhava.

(2) O caminhão *que* eu trabalhava *com ele*.

(3) O caminhão *com que/o qual* eu trabalhava.

Os estudos variacionistas ou de Sociolinguística paramétrica (cf. MOLLICA, 2003; TARALLO, 1994; CORRÊA, 1998) têm demonstrado a implementação cada vez mais acentuada da estratégia cortadora como recurso de esquiva utilizado pelo falante para evitar sentenças do tipo (2), preferindo as do tipo (1).

* biancagsgsilva@click21.com.br

** celiar@unisys.com.br

A discussão que, em particular, nos interessa diz respeito à hipótese apresentada por Tarallo e reinterpretada por Kato (1993). Para o autor, que adota a perspectiva Sociolingüística paramétrica, o item *que* identificado em (1) e (2) seria, do ponto de vista estrutural, um *que* complementizador, semelhante à conjunção integrante das orações subordinadas substantivas (ou completivas). Na reinterpretação de Kato (1993), com base na teoria de Princípios e Parâmetros, entretanto, haveria em todas as três estratégias um pronome relativo. É essa a questão que se propõe analisar neste trabalho: o estatuto gramatical do item *que* nas chamadas orações relativas a partir de uma perspectiva teórica diferente da adotada por Tarallo e Kato. Pretende-se discutir se o *que* empregado nas estratégias de relativização mantém as propriedades de pronome relativo ou se já está funcionando, em alguns contextos, apenas como marca de subordinação, conjunção integrante ou complementador/complementizador.

O principal propósito deste artigo é, entretanto, defender a hipótese de que o alto índice de uso da construção padrão de sujeito e objeto poderia estar influenciando o uso da construção relativa cortadora nas demais funções sintáticas. Essa hipótese, discutida em Silva (2005), se baseia no fato de as relativas de sujeito (4) e de objeto direto (5), como já apontara Corrêa (1998), terem o mesmo *output* fonético da estratégia não-padrão cortadora (6): iniciam-se pela partícula *que* sem marca de preposição em alguma posição. Considerando as construções relativas de outras funções sintáticas como menos freqüentes, discute-se, com base em Bybee (2003), o papel da freqüência nesse processo.

- (4) O garoto *que* veio hoje (padrão - sujeito)
- (5) O garoto *que* encontrei hoje (padrão - objeto)
- (6) O garoto *que* gosto muito (cortadora – complemento relativo)

Tomando por base tais premissas tem-se o intuito de responder às seguintes questões:

1. Se a gramaticalização é, classicamente considerada, um processo pelo qual um item lexical se torna mais gramatical ou, um item gramatical (pronome) torna-se ainda mais gramatical (conjunção), pode-se considerar o nosso fenômeno como um caso de gramaticalização?

2. O que significaria tornar-se mais gramatical nesse caso? Que propriedades pronominais estariam sendo perdidas e quais as propriedades de conjuntor/conector/conjunção estariam sendo assumidas nesse processo? Trata-se de um caso de *decatégorização* (HOPPER, 1991)?

3. Estaria o chamado *que* relativo sofrendo um processo de *despronominalização* (LOPE BLANCH, 1984) ou se tornando um *relativo universal* (BECHARA, 1999)?

4. Qual o papel da freqüência (de tipo ou de ocorrência) postulado por Bybee (2003) para a compreensão do fenômeno? Trata-se de uma discussão pertinente?

A amostra utilizada para este estudo faz parte do acervo “A língua Falada e Escrita da Cidade do Rio de Janeiro” do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (UFRJ). Este material é subdividido em uma amostra oral e outra escrita: após cada entrevista, o informante escreveu o que havia contado e descrito. Controla-se também o nível de escolaridade (fundamental, médio e superior). Este artigo está organizado da seguinte maneira. Na seção 1, faz-se uma breve descrição da diferença, tradicionalmente apresentada, entre relativos e

conjunções. Tenta-se, na seção 2, mostrar que a gramaticalização de relativos em conectores é recorrente em diversas línguas. Em 3, discutem-se os pressupostos teóricos adotados no artigo. A seção 4 apresenta, primeiramente, um panorama geral das estratégias mais produtivas na fala e na escrita tendo em vista os níveis de escolaridade controlados. Em seguida, analisam-se os resultados totais quanto às funções sintáticas das relativas introduzidas pelo *que* e ao inventário de “pronomes relativos” identificados na amostra. Por fim, aparecem as considerações finais.

1. Relativos x conjunção: a caracterização do objeto

Quais as diferenças, se é que elas existem, entre os relativos e as conjunções integrantes?² Se o *que* relativo estaria sofrendo (e, desde quando) um processo de gramaticalização, ou mais especificamente de recategorização (mudança categorial de pronome relativo para conector), faz-se necessário discutir preliminarmente as propriedades que distinguem o pronome relativo das conjunções integrantes, associando-as às diferenças estruturais entre as orações relativas e as orações substantivas³.

Os tradicionalmente chamados de “pronomes”, “advérbios” ou “adjetivos relativos” iniciam ou encabeçam as orações relativas e servem como elementos de ligação ou de subordinação oracional, mas, diferentemente das conjunções integrantes⁴, desempenham função sintática na oração a que pertencem (7) e podem atuar como complementos modificadores de uma expressão nominal antecedente (8). Embora reproduzam a significação do antecedente – um núcleo substantivo, ou um elemento equivalente a um substantivo, na oração anterior – sua função sintática nada tem a ver com a função sintática do antecedente.

- (7) O vestido [*que* comprei] está na última moda. (*que* é objeto direto de “*comprei*”, retoma o antecedente “*o vestido*”, sujeito da oração principal “*o vestido está na última moda*”)
 (8) Carlos [*cujo* nome aprendi hoje] é muito besta. (*cujo* é adjunto adnominal na oração relativa: “*aprendi o nome de Carlos*”).

A conjunção integrante também tem por missão reunir orações, subordinando uma a outra. Encabeçando uma oração completiva ou integrante, ela a subordina à oração principal ou raiz “como um argumento de um dos núcleos lexicais (verbo, em (9), nome, em (10) ou adjetivo, em (11)) da frase superior” (MMEURER e MOTTA-ROTH (2002, p.105-106) MATEUS *et alii*, 2004, p. 595), por isso a denominação de substantivas⁵. Diferentemente dos pronomes relativos, tais conjunções não exercem função sintática na oração que introduzem e não possuem um caráter anafórico. São termos isentos de flexão, propriedade que também as distinguem da maioria dos relativos.

- (9) Maria *disse* [que ligaria para você] (= Maria *disse* [isso])
 (10) Tenho *necessidade* [que você vá me encontrar] (= Tenho *necessidade* [(d)isso])
 (11) O aluno é *capaz* [de fazer o trabalho] (= O aluno é *capaz* [(d)isso])

Como se vê de (9) a (11), toda a oração completiva/substantiva pode ser substituída por um pronome demonstrativo, o que evidencia tratar-se de uma unidade sintática que faz parte da oração principal/matriz⁶.

O quadro a seguir procura sintetizar as principais semelhanças e diferenças apontadas, contrapondo algumas propriedades dos pronomes relativos e das conjunções integrantes que são tradicionalmente apresentadas:

Características	Pronomes relativos (orações adjetivas)	Conjunção integrante (orações completivas/integrantes/Substantivas)
Função sintática	. Pronome relativo exerce função sintática na oração que introduz	- Conjunção integrante NÃO exerce função sintática na oração que introduz
Elemento que encabeça/introduz a oração subordinada (ou a posição de complementizador)	. Preenchimento obrigatório	. Preenchimento não obrigatório: - orações finitas (presente) - orações não-finitas (ausente)
- Relação de dependência com a oração principal/matriz	. Estabelecida com a expressão nominal antecedente	- Estabelecida como um argumento interno de um núcleo lexical (nome, verbo ou adjetivo).
Flexão	Pronome relativo pode ou não concordar com o termo antecedente da oração principal/matriz	Conjunção integrante NÃO sofre flexão, é sempre invariável.
Relação anafórica	Pronome relativo estabelece uma relação anafórica com o termo antecedente na oração principal (retoma o antecedente)	Conjunção integrante não é anafórico, não retoma o termo antecedente da oração principal, é um mero elemento conectivo.

Quadro 1: Propriedades distintivas entre pronomes relativos e conjunções

Embora se reconheça que as categorias gramaticais não são discretas, absolutas, homogêneas e que não exista um conjunto finito de propriedades precisas e exclusivas que consigam enquadrar todos os seus integrantes, defende-se a necessidade de postular algumas dessas características prototípicas para fundamentar a análise. Parte-se do pressuposto de que existem zonas fronteiriças, às vezes, difusas e que formas lingüísticas podem ter propriedades de duas ou mais categorias, constituindo um *continuum* categorial. Acredita-se, entretanto, que em processos de gramaticalização, há sempre perdas de algumas propriedades e ganhos de outras. Um dos objetivos do trabalho é, justamente, mostrar a “perda” da característica prototípica da categoria pronominal do *que* relativo: exercer função sintática na oração a que pertence, retomando ou representando seu antecedente. Esse “abandono” o aproxima das conjunções, ou seja, o item fica reduzido a um mero elemento de ligação entre duas orações, um simples juntivo ou elemento nexual.

2. O fenômeno em outras línguas

Como discutido em Bondarczuk (2005, p. 10), processos de mudança em que formas pronominais dêiticas passam a conjunções constituem-se como fenômenos recorrentes em

diversas línguas. Cristóforo (1998) e Givón (1991) (*apud* BONDARCZUK, 2005, p. 11) atestam a gramaticalização de relativos em conectores/complementizadores no grego antigo, no hebraico bíblico, além de exemplos no alemão, no inglês, no espanhol, no francês e em tantas outras línguas. Não se trata, pois, de um fenômeno novo. Mesmo em português, como já defendia Tarallo (1983/86/94) e Ilari (1992, p. 113), a reanálise do pronome relativo como conjuntor ou complementizador seria bastante antiga, conforme demonstra o exemplo extraído de Tarallo (1994, p. 165):

- (12) *Ultra eum locum, quo in loco Germani consederant*
[para além daquele lugar, no qual os alemães haviam acampado]

O autor mostra que a construção resumptiva ou copiadora também ocorria em latim e, para ele, o *que* nesse tipo de estratégia já seria um complementizador. Na análise diacrônica feita por Tarallo (1983), a estratégia cortadora, inovadora por excelência, derivaria de um processo de elipse ocorrido a partir da construção relativa copiadora, “estando ainda as duas formas em variação sincrônica” (KATO, 1993, p. 225).

Além de ser identificada no latim, a estratégia copiadora se faz presente no português arcaico, como mostra Barreto (1996), e no basco. Barreto localiza dados da estratégia copiadora na *Demanda do Santo Graal*. Na amostra analisada, a autora apenas obteve dados de cópia quando o relativo exercia a função de objeto direto como em (13) e (14):

- (13) Entam leeo as letras **que** ambos **as** ouvirom... (Cap. CCVIII, I. 29)
(14) ...eu te conheço por tam santo homem e por tam leal sergente de nosso Senhor **que** se tu o rogares...(Cap. CCVI, I, 33)
(15) Aquel dia maesmo **que** esto foi aveo que rei Boorz chegou _ (Cap. DCCIX, 128).

Alarcos Llorach (1970) aponta que, diacronicamente, não se justifica a separação entre pronome relativo e conjunção, uma vez que ambos são, segundo Camara Jr. (1979, p. 107), provenientes de uma forma básica de indefinido-interrogativo que acabaram por se neutralizar. O autor afirma que “o advento da conjunção subordinativa *que* resultou primordialmente de um esvaziamento da significação pronominal da forma neutra *quid* do pronome indefinido-interrogativo e sua coalescência com a outra forma neutra *quod*, reservada ao pronome relativo”. (CAMARA JR. 1979, p. 184).

Brucart (1999, p.396-522) reconhece que, no espanhol, em determinadas circunstâncias dentro da cláusula relativa, pode aparecer um pronome que reitera a função desempenhada pelo pronome relativo:

- (16) El atracador, **a quien** algunos testigos aseguran haberlo visto por la zona anteriormente, entró em el banco a cara descubierta (BRUCART, 1999, p.403)
(17) Se trata de una Idea **que** ayer daba vueltas sobre **ella**. (LOPE BLANCH 1984:123, *apud* BRUCART, 1999, p.403)

Casos como esses são, em geral, vistos pela norma como variantes duplicadas incorretas ou constituintes da língua coloquial.

Partindo das observações de Lope Blanch (1984), *apud* Brucart, (1999, p.404), defende-se que nesses casos o relativo perdeu seu valor propriamente pronominal, ou seja, sua relação anafórica com o antecedente e sofreu um processo de “despronominalização”, conservando apenas sua função “nexal” de simples marca de subordinação. Por conta desse desbotamento semântico do relativo, a relação anafórica com o antecedente se faz por intermédio de outro morfema, ou seja, torna-se necessário, o emprego de outro pronome dentro da subordinada que represente a função que deveria corresponder ao relativo na variante normativa.

Como em português, a frequência de uso do relativo *cuyo* é baixa também em espanhol o que, segundo Brucart (1999), facilitou o aparecimento da duplicação pronominal na função de adjunto adnominal realizada com a combinação de *que* + possessivo *su* verificada em (18):

- (18) Mencionamos aquellos diccionarios [...] **que su** uso em el campo de la docência es o ha sido generalizado [Seco, DDDLE, s.v.cuyo]

O autor ratifica que exemplos como esse são próprios da língua falada e motivados pela necessidade de aceitabilidade do enunciado quando a relação entre o relativo e seu referente estiver opaca.

Em um estudo sobre a duplicação possessiva, Company (2002) mostra que no espanhol do México ocorre um fenômeno de duplicação em construções relativas: forma relativa possessiva *cuyo* (*cujo*). A autora leva em consideração que *cuyo* (*cujo*) é um signo opaco/ambíguo em si mesmo, porquanto é uma forma que carrega dois valores ao mesmo tempo, a relatividade e a posse – não é o *que* relativo (nexo relativo por excelência) e não tem a forma dos possessivos *seu*, *seus*.

Por conta da “opacidade” do *cuyo* (*cujo*) no espanhol, as suas duas funções básicas são desdobradas por meio da assimilação formal das duas formas centrais do sistema lingüístico: para expressar relatividade a forma *que* e para expressar posse a forma *su* (= *seu*). Assim no lugar de (a) *Un padre cuyo hijo* [um pai cujo filho], usa-se (b) *Un padre que su hijo* [um pai que seu filho].

A construção (b) é chamada pela autora de construção desdobrada e, segundo ela, data dos primeiros textos que podem considerar-se castelhanos. No poema de *Mio Cid*, não se acharam exemplos com a forma *cuyo* (*cujo*): *maravilla es Del Cid que su ondra cresce tanto*. Para a autora o problema da ambigüidade do signo seria o requisito indispensável para que se produza reanálise ou reinterpretação (TIMBERLAKE, 1977 *apud* COMPANY, 2002).

Se se considerar a substituição do *cuyo* (= *cujo*) no espanhol por uma estrutura redobrada em relativo (*que*) + possessivo (*su* = *seu*) como um fenômeno de cópia/ retomada, seria possível fazer um paralelismo com o português. Enquanto no espanhol se usa a forma *su* (= *seu*), a duplicação em português, nos casos de genitivo, dá-se com a forma *dele* como em (19) e (20):

- (19) É o rapaz **que ela vai trabalhar na casa dele**. [em cuja casa ela vai trabalhar]
 (20) Eu fui visitar o meu sobrinho **que o nome dele está escrito no caderno**. [cujo nome está escrito no caderno]

A autora explica essa repetição pelas características das línguas de procurar evitar os signos opacos e, pelo fato de o relativo *cujo* ser opaco, retoma-se a informação do antecedente com o pronome cópia. Em português, as construções relativas com *cujo* vêm sendo substituídas por uma estrutura duplicada ou de cópia.

3. Alguns pressupostos teóricos sobre a gramaticalização e o papel da frequência

Nos estudos funcionalistas sobre gramaticalização, revigorados nas últimas décadas, retomam-se certos preceitos comuns à perspectiva variacionista laboviana. Postula-se, por exemplo, que a gramaticalização é um processo contínuo que pressupõe, nos estágios iniciais, a coexistência entre novos valores/ usos ao lado dos antigos e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas. Tal perspectiva não entra em contradição com os princípios da teoria Sociolingüística laboviana (WEINREICH & LABOV, 1968) sobre os fatores que produzem mudanças atuarem lenta e gradualmente. Na trajetória da mudança, há estágios intermediários em que formas em conflito se distribuem irregularmente entre falantes e ouvintes num processo que pode aparentemente durar séculos.

Como afirma Company (2003, p. 19), as mudanças não afetam um sistema lingüístico em sua totalidade e, nesse sentido, pode-se falar em um *continuum* evolutivo diacrônico, que pode ser paralelo ao *continuum* categorial sincrônico. Defende-se que os “limites entre diacronia e sincronia se desfazem e o único que se mantém é um dinamismo constante e essencial às línguas”.

Há diferentes perspectivas para abordar o fenômeno da gramaticalização a depender da corrente lingüística, da época ou da perspectiva adotada. Para os limites deste artigo, parte-se do conceito mais elementar apontado por Kurylowicz (1965) que vê a gramaticalização como um “processo em que se verifica a ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical”. Para Robert (1993) a gramaticalização é “a mudança de uma categoria léxica para uma funcional, associada à perda de conteúdo lexical”. É possível compreender essa gradação fazendo referência ao *continuum* proposto por Hopper and Traugott (1993:104): Categoria maior [NOME, VERBO, PRONOME] > Categoria mediana [ADJETIVO, ADVÉRBIO] > Categoria menor [PREPOSIÇÃO, CONJUNÇÃO]. O item em estudo dispõe de propriedades gramaticais que o integram na classe dos pronomes. A sua gramaticalização pressupõe, pois, um processo de recategorização, isto é, passagem da categoria maior, a dos pronomes, para a categoria menor, a das conjunções.

Há outros aspectos a considerar no que se refere ao fenômeno em questão. Para Bybee (2003), a frequência tem um papel importante no processo de gramaticalização, pois além de ser o resultado dela, é o fator primário que contribui para esse processo de mudança. A partir dessa perspectiva, leva-se em conta o aumento da frequência de uma construção/expressão e não simplesmente o fato de um item lexical isolado tornar-se mais gramatical. Nesse sentido, atribui-se à repetição um papel crucial nos processos de gramaticalização.

A repetição é vista como um processo pelo qual seqüências de palavras ou morfemas, freqüentemente usados, se tornam automáticos como uma única unidade de processamento.

Para Company (2003, p. 28), a frequência de uso é um fator primordial na geração de uma mudança, pois “fixa o uso, o rotiniza, outorga apoio paradigmático e cria estabilidade no sistema”. Aplicando tais fatores no processo de gramaticalização, Bybee (2003) observa que a frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica (ou generalização) de uma forma pelo hábito: formas tornam-se mais gerais e mais abstratas no significado. Essa perda de transparência semântica leva ao emprego da construção em outros contextos com novas associações, estabelecendo mudança semântica. Segundo Bybee, há dois tipos distintos de frequência ou dois métodos para controlá-la. O primeiro mede a *frequência de ocorrência* e, o segundo, a *frequência de tipo*, refere-se a um tipo de estrutura ou padrão em particular.

Para Bybee & Hopper (2001), itens mais frequentes se tornam mais penetrados (*entrenched*) e podem construir representações independentes; quanto mais penetrada uma forma/construção está, menos será substituída por algum padrão frequente. Por outro lado, os itens de menor frequência têm representações mais fracas na memória e mais riscos de serem substituídos por padrões morfofonêmicos mais produtivos. A armazenagem e a recuperação são os mecanismos pelos quais isso acontece: se a forma a se recuperar é uma forma frequente, ela estará prontamente disponível enquanto que, se se tratar de uma forma menos frequente, a tendência é a sua substituição.

4. A análise dos dados

4.1. As variantes estudadas: estratégias de relativização

Retomando os três tipos diferentes de estratégias de relativização empregadas em português, têm-se uma divisão em dois grupos: *padrão* e *não-padrão*.

Em (I) apresentam-se exemplos das estratégias denominadas *padrão*, canônicas ou *standard* por estarem de acordo com o que preconiza a tradição gramatical. Os três casos exemplificam algumas funções sintáticas⁷ que podem ser exercidas pelo pronome relativo que encabeça ou introduz a oração relativa. Em (Ia) e (Ib), o termo relativizado é um sintagma **não-preposicional** (sujeito e objeto direto), ao passo que em (Ic), o termo relativizado é um **sintagma preposicional**:

(I) Estratégia padrão ou canônica:

- (Ia) Eu tenho um colega [que bebeu cerveja] (sujeito – sintagma não-preposicional)
- (Ib) Paulo tem um colega [que eu vi ontem] (objeto direto - sintagma não-preposicional)
- (Ic) Paulo tem um livro [de que gosto muito] (**de que** = complemento relativo⁸ - sintagma preposicional)

Nos exemplos (II) e (III), têm-se as estratégias relativas *não-padrão* que também podem ser de dois tipos distintos: copiadora e cortadora.

Em (II), ilustram-se as estratégias chamadas de copiadoras, pois a oração relativa é encabeçada pelo introdutor *que* com a posição relativizada preenchida por um pronome resumptivo, cópia ou lembrete que retoma o antecedente. Como apresentado em (I), as

funções sintáticas exemplificadas em (II.1) e (II.2) não são sintagmas preposicionados, diferentemente do que ocorre em (II.3):

(II) Estratégia não-padrão: copiadora

- (II.1) Eu tenho *um colega* [que **ele** bebeu cerveja] - (sujeito – sintagma não-preposicional)
 (II.2) Paulo tem *um colega* [que eu vi **ele** ontem] - (objeto – sintagma não-preposicional)
 (II.3) Paulo tem *um livro* [que eu gosto muito **dele**] - complemento relativo - sintagma preposicional)

Em (III), estão exemplos da relativa não-padrão cortadora que é a terceira variante para construções em que o termo relativizado é um sintagma preposicional. Nesse caso, a posição ocupada pelo termo relativizado da oração relativa é deixada vazia (sem pronome lembrete) e a preposição está completamente ausente. Obviamente, as estratégias cortadoras só ocorrem com funções sintáticas que “exigem” a presença de um sintagma preposicionado. Nos casos em que o introdutor *que* funciona como sujeito e objeto direto da oração relativa a variação só se estabelece entre estratégias do tipo padrão (I) e copiadora (II). Nas demais funções sintáticas, é possível identificar os três tipos de estratégias: (I) padrão, (II) copiadora e (III) cortadora.

(III) Estratégia não-padrão: cortadora

- (III.1) Paulo tem um livro [que eu gosto muito] (complemento relativo)
 (III.2) É um local [que não dá para eu ter acesso] (complemento nominal)
 (III.3) São três prateleiras [que eu coloco os bichinhos de pelúcia] (adjunto adverbial)
 (III.4) Ofereceram dinheiro para o Luis [que aprendemos o nome] (adjunto adnominal)

4.2. Análise dos resultados

4.2.1 Atuação dos fatores extralingüísticos: distribuição geral dos resultados na fala e na escrita

Foram identificados 813 dados na amostra que reunia dados de fala e de escrita em todos os níveis de escolaridade controlados. Desse total, 573 dados são da estratégia canônica ou padrão (70%), 220 dados são da estratégia cortadora (27%) e 20 dados (2%) são da estratégia copiadora. Tais resultados constam na tabela 1 em que se distribuem os resultados parciais de fala e escrita:

Modalidade	Copiadora	Cortadora	Padrão	Total
Fala	19/501 4%	154/501 31%	328/501 65%	501
Escrita	01/312 1%	66/312 21%	245/312 78%	312
TOTAL	20/813 - 2%	220/813 - 27%	573/813 - 70%	813

Tabela 1: Estratégias de Relativização na amostra de fala e na escrita

Em termos comparativos, pode-se observar que as estratégias relativas do tipo padrão predominam na modalidade escrita. Os outros tipos de estratégias de relativa vernacular não-padrão, as chamadas cortadoras e copiadoras, apresentam maiores índices de frequência na fala se confrontados com os resultados encontrados nos textos escritos analisados.

Em termos de nível de escolaridade, observou-se que a estratégia cortadora foi categórica na pré-escola se for levada em conta a produção escrita dos alunos. O comportamento das estratégias apresenta uma distribuição regular na modalidade escrita, gráfico 1, pois se nota que conforme aumenta a escolaridade, há uma diminuição nos percentuais de frequência para a cortadora, ao passo que a estratégia padrão vai paulatinamente ganhando terreno. A copiadora, pouco produtiva na amostra de língua escrita, ocorreu apenas uma vez na 4ª série. Como apontam Mollica (2003) e Corrêa (1998), a escola pode estar monitorando com algum sucesso os casos mais estigmatizados da copiadora, contribuindo para a redução das anáforas, como veremos mais tarde.

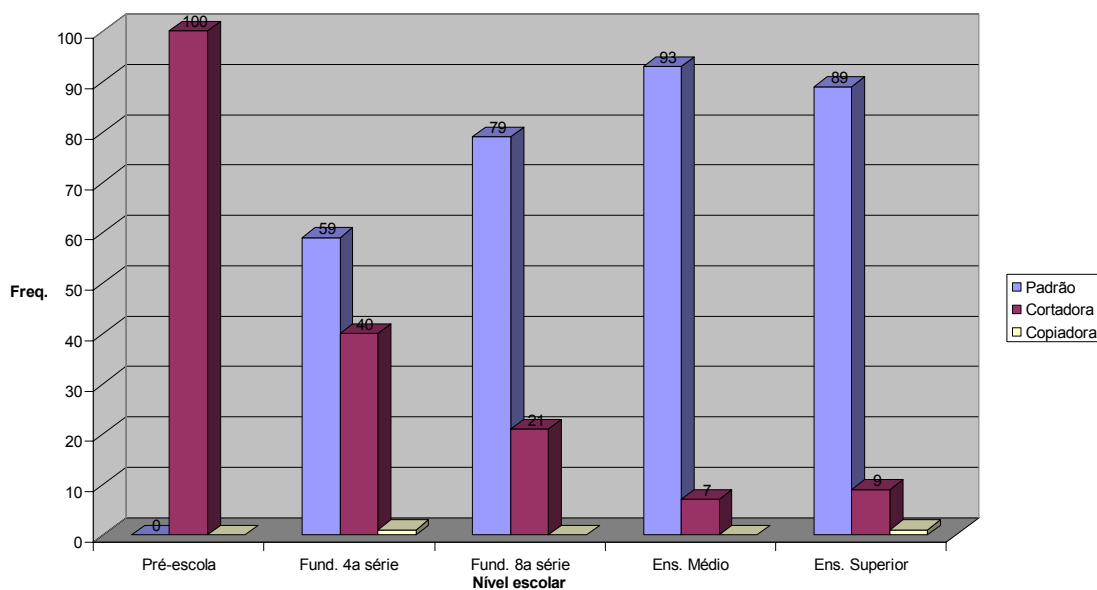


Gráfico 1: Distribuição das estratégias por escolaridade: modalidade escrita

Gráfico 1: Distribuição das estratégias por escolaridade – modalidade escrita

Nos dados de fala, gráfico 2, o comportamento das estratégias não é tão regular conforme aumenta a escolaridade. Na 4ª série, a relativa do tipo padrão disputa espaço com a cortadora, além disso, não há diferenças entre o comportamento observado para a 8ª série e o ensino médio, pois os percentuais da estratégia padrão nos dois níveis escolares são semelhantes. Nota-se ainda que, em todos os níveis, predomina a estratégia do tipo padrão. A copiadora, rara na amostra de escrita, apresenta índices de frequências baixos, embora semelhantes, em todos os níveis de escolaridade controlados.

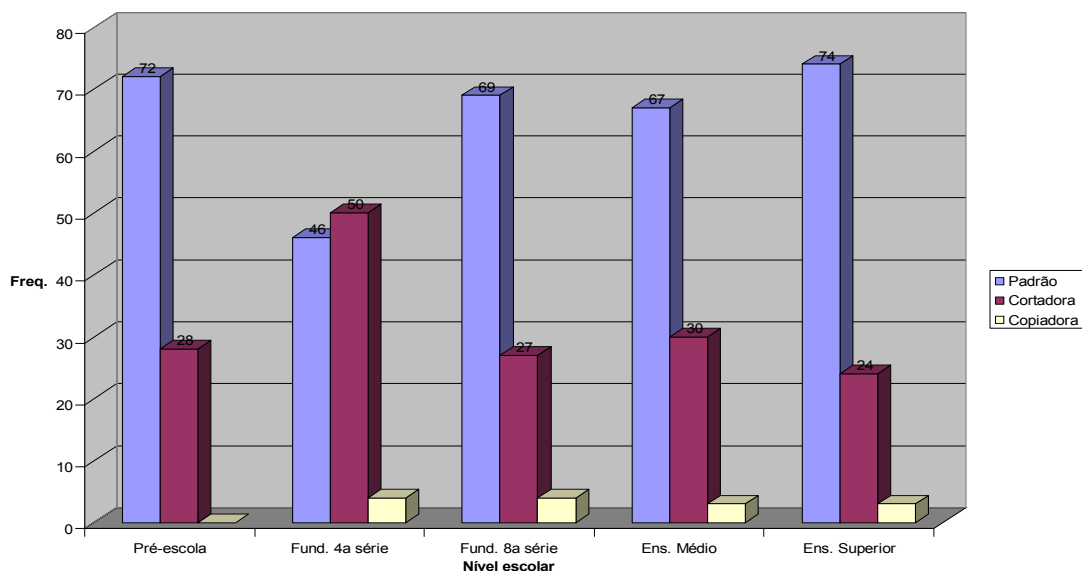


Gráfico 2: Distribuição das estratégias por escolaridade – modalidade falada

Em suma, destaca-se o alto índice de frequência da relativa padrão tanto na escrita quanto na fala. A maior parte dos dados analisados como padrão é, no entanto, de orações relativas de sujeito/objeto o que pode aparentemente ter inflacionado nossos resultados. Os dados das três estratégias de relativização (padrão, copiadora e cortadora) reúnem todas as orações relativas identificadas nas diversas funções sintáticas. Nas estruturas relativas de sujeito e objeto direto, como discutido em 4.1, só há variação entre padrão e cópia, ao passo que, nas demais funções, as três estratégias podem ocorrer. Em função dessa diferença de comportamento, serão apresentados, na próxima seção, os resultados por função sintática e por tipo de estratégia, reunindo a amostra de fala e de escrita. O que nos interessa discutir agora é que no ambiente estrutural favorável à realização das três estratégias, os falantes privilegiaram a relativa cortadora, uma construção que tem ganhado espaço entre os estudantes de diferentes níveis de escolaridade, principalmente, na modalidade falada.

4.2.2. As funções sintáticas do introdutor que na totalidade dos dados

A tabela a seguir mostra a distribuição das estratégias em termos das funções sintáticas exercidas pelo *que* relativo nos dados de fala e de escrita. Tal separação por função sintática se faz necessária para elucidar, entre outros aspectos, o significativo número de ocorrências da estratégia padrão na amostra analisada (573 dados de um total de 813).

		Copiadora	Cortadora	Padrão	Total
Relativizador/termo relativizado não é um Sintagma Preposicional	Sujeito	8/420	—	412/420	420/813
		2%	—	98%	52%
	Objeto Direto	0/83	—	83/83	83/813
		0%	—	100%	10%
Relativizador/termo	Adjunto Adverbial	9/259	176/259	74/259	259/813

relativizado é um Sintagma Preposicional		3%	68%	29%	32%
	Complemento Relativo	1/45	41/45	3/45	45/813
		2%	91%	7%	5,5%
	Complemento Nominal	0/3	3/3	0/3	03/813
0%		100%	0%	0,4%	
	Adjunto Adnominal	2/3	0/3	1/3	03/813
		67%	0%	33%	0,4%
	Total	20	220	573	813

Tabela 2: Distribuição nas Funções Sintáticas na fala e na escrita

Em termos do percentual total, nota-se que, quanto à função sintática, mais da metade das relativas identificadas no *corpus* constituem-se como casos de sujeito (420/813 – 52%). O segundo tipo de estratégia produtiva, no que se refere à função sintática, com apenas 32% dos dados, é a oração relativa de adjunto adverbial (259/813 - 32%). A função de objeto direto aparece como a terceira mais freqüente (83/813 – 10,2%).

É importante destacar a alta produtividade das estratégias de relativização na função de sujeito em nossa amostra e em outros trabalhos sobre o tema. No trabalho de Corrêa (1998), por exemplo, de 701 orações relativas levantadas nas entrevistas do NURC (Norma Urbana Oral Culta), 390 eram de sujeito, correspondendo pouco mais da metade do *corpus* (56%). O restante dos dados constituiu-se de 177 relativas de objeto direto (25%) e 134 relativas de outras funções (19%). Outro aspecto relevante a ser considerado, e que está intimamente relacionado à produtividade das relativas de sujeito, refere-se ao fato de essas orações e as de objeto direto apresentarem, como discutido na introdução, uma estrutura simples que é constituída com a participação do relativo *que* e se assemelha à estratégia cortadora nas outras funções sintáticas. Corrêa (1998, p.5) comenta que as relativas de sujeito e de objeto direto têm o mesmo *output* fonético da estratégia não-padrão cortadora, em que se apaga a preposição exigida pelo verbo da relativa. Nesses casos, inicia-se a oração relativa por um único tipo de introdutor, a forma *que* sem marca de preposição. A autora lista os seguintes exemplos:

- O menino *que* esteve aqui (o termo relativizado é o **sujeito – estratégia padrão**)
- O menino *que* eu vi ontem. (o termo relativizado é o **objeto direto – estratégia padrão**)
- As informações *que* ele tinha acesso. (o termo relativizado é um **sintagma preposicionado – estratégia cortadora**)

A tabela a seguir retoma os resultados exclusivos de funções sintáticas cujo termo relativizado é um sintagma não-preposicionado (sujeito e objeto direto).

	Função	Copiadora	Padrão	Total
Relativizador como sintagma não- preposicionado	Sujeito	8/420	412/420	420/503
		2%	98%	83%
	Objeto Direto	0/83	83/83	83/503
		0%	100%	17%

		8/503 2%	495/503 98%	503
--	--	-------------	----------------	-----

Tabela 3: Distribuição das estratégias nas funções de sujeito e objeto direto na fala e escrita

Computando, como mostra a tabela, as sentenças em que o relativizador constitui sintagma de sujeito (420 dados) e de objeto não-preposicionado (83 dados), temos um total de 503 ocorrências no *corpus*, o que equivale a 62% do total das orações relativas levantadas (503/813). Trata-se, pois, de funções sintáticas extremamente produtivas. Percebe-se ainda que a estratégia padrão apresenta os maiores índices percentuais se comparados aos da copiadora. Os casos de sujeito estão distribuídos em 98% da estratégia relativa sem cópia e 2% com cópia, ao passo que, no caso dos dados de objeto direto, foi categórico o emprego da oração relativa sem o pronome lembrete ou cópia, ou seja, neste *corpus* não há dados da estratégia copiadora com função de objeto direto. A correlação parece-nos nítida. Acredita-se que como esse é um recurso produtivo na língua (o uso mais freqüente das relativas de sujeito e de objeto), a sua estrutura superficial (semelhante a da estratégia cortadora) poderia estar se generalizando nas demais funções sintáticas. A nossa hipótese, baseada na perspectiva de Bybee (2003) sobre o papel da freqüência nos processos de gramaticalização, é a de que a repetição da estratégia cortadora associada à freqüência de uso das relativas na função de sujeito acionou a gramaticalização ou despronominalização do *que* relativo. O aumento da freqüência de uso dessa estratégia ou construção, nos termos de Bybee (2003), pode ter desencadeado o processo, fazendo com que a seqüência estrutural da cortadora se torne automática como uma única unidade de processamento. Trata-se, pois, de ritualização/hábito/automatização de um tipo de estrutura.

A tabela a seguir reproduz as demais funções em que o relativizador aparece como sintagma preposicionado⁹ para a análise do comportamento das cortadoras.

		Copiadora	Cortadora	Padrão	Total
Relativizador como Sintagma Preposicionado)	Adjunto Adverbial	9/259	176/259	74/259	259/310
		3%	68%	29%	84%
	Complemento Relativo	1/45	41/45	3/45	45/310
		2%	91%	7%	14%
Complemento Nominal	0/3	3/3	0/3	3/310	
	0%	100%	0%	1%	
	Adjunto Adnominal	2/3	0/3	1/3	3/310
		67%	0%	33%	1%
Total		12/310 4%	220/310 71%	78/310 25%	310/310 100%

Tabela 4: Distribuição das estratégias das demais funções sintáticas na fala e escrita

Observando as outras funções sintáticas em que o termo relativizado é um sintagma preposicionado (doravante, PP), tem-se uma visão mais clara dos resultados obtidos. Foram identificados 310 dados de PP nas funções de complemento relativo, complemento nominal e

adjunto adverbial com a seguinte distribuição: 220 ocorrências da estratégia cortadora (71%), 78 ocorrências da forma canônica (25%) e 12 da copiadora (4%).

Quando se comparam as três estratégias em ambiente favorável à presença da preposição, fica clara a preferência do falante pela estratégia não-padrão: 71% dos dados são da estratégia cortadora.

Em praticamente todas as funções sintáticas com sintagma preposicionado, o uso de cortadoras é favorecido. As de complemento nominal, embora só tenham sido localizados três exemplos, são categóricas (100%). As outras mais produtivas são as de complemento relativo (91%) seguidas pelas de adjunto adverbial (68%).

Os raros exemplos tratados como complemento nominal são de difícil interpretação e podem ser considerados até mesmo como ambíguos, já que há elementos discursivos intervenientes, como a pausa, formas repetidas ou truncadas:

(21) *É um local...**que não dá pra eu ter acesso** (3/16)*

[É um local **ao qual** não dá pra ter acesso.]

(22) *Minha mãe me levou pro...pra uma clínica **que ela era sócia**. (4/148)*

[Minha mãe me levou para uma clínica **da qual** ela era sócia.]

Em (21) interpretou-se que a expressão *ter acesso* exige um complemento preposicionado regido pela preposição *a*, o que geraria a forma *ao qual não dá pra ter acesso*. Em (22), a forma *da qual ela era sócia* seria o resultado da regência *sócia de alguém ou de alguma coisa*.

Dos 45 dados de complemento relativo, em 41 casos (91%) a preposição foi “cortada”, ou seja, apresentaram-se como estratégia cortadora como em (23):

(23) *...eu adorei essa diretora...á...á...a professora **que eu mais gostei** foi a professora Valéria. (4/139)*

*a professora **que eu ...não gostei muito** foi a Elizabeth. (4/139)*

[...a professora **da qual /de que** mais gostei foi a professora Valéria. A professora **da qual / de que** eu não gostei muito foi a Elizabeth.]

Os casos de adjunto adverbial, no *corpus*, são significativos nas três estratégias. Identificaram-se: 259 dados, distribuídos da seguinte forma: 176 de cortadora, 74 de padrão e 09 de copiadora. A cortadora corresponde a 68% dos dados dos quais fazem parte os seguintes exemplos:

(24) *...que na casa tinha um buraco **que dava pra ver as roupas na corda** toda noite. (4/139)*

[que na casa tinha um buraco **pelo qual** dava para ver as roupas na corda toda noite.]

(25) *Tem também um teatro **que muitas pessoas se apresenta**. (4/147)*

[Tem também um teatro **onde /em que** muitas pessoas se apresentam.]

Os resultados expressivos da estratégia cortadora levam-nos a confirmar a proposta de Bybee (2003) sobre a automação da estrutura. Segundo ela, a seqüência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica de uma forma ou estrutura pelo hábito ou por sua generalização. Assim, acredita-se que a freqüência de uso das estruturas relativas de sujeito/objeto resultou no enfraquecimento semântico do *que* como um pronome anafórico.

Além disso, pode-se considerar que a estrutura superficial da cortadora tornou-se mais geral. A construção, por conseguinte, passa a ser usada em outros contextos: ter-se-ia uma estratégia cortadora, forma resultante do processo de generalização. O falante não estaria distinguindo construções como (26) e (27):

(26) *um ventilador de pá com luminária **que** é a salvação no verão.*(3/11) *Padrão de sujeito*

(27) *Aconteceu com um grupo de amigos **que** eu faço academia.*(3/11) *Cortadora de adjunto adverbial*

[No lugar de **com quem/com os quais** faço academia.]

Bybee (2003) defende que a frequência condiciona uma autonomia que torna a construção mais produtiva como mais integrada/penetrada na língua. Bybee & Hopper (2001) asseguram que os itens de menor frequência têm representações mais fracas na memória, sendo facilmente substituídos por padrões morfofonêmicos produtivos. Os dados coletados mostraram a alta frequência da construção de sujeito/objeto. Considerou-se a possibilidade de interpretar as relativas, cujo termo relativizado é um PP, como formas de menor frequência, o que explicaria serem realizadas sem a preposição, “imitando” a construção mais frequente (relativa de sujeito/objeto). Embora Corrêa (1998) não tenha adotado essa proposta teórica, seu trabalho também atestou a alta produtividade das estratégias de sujeito e objeto: dos 75 dados de fala colhidos pela autora, entre não-escolarizados e alunos do Ensino Fundamental, 79% foram de sujeito/objeto direto, 20% foram da cortadora e 1% da copiadora. A autora concluiu, com exceção de um dado, que os falantes analisados empregavam apenas as relativas sem preposição: “esses falantes usam muito as funções mais altas, mais acessíveis (79% de relativas com “gap”: de sujeito e de objeto), e bem menos a estratégia cortadora, isto é, sem preposição, com PPs relativizados (20%)...”(ps.74 e 75). Numa análise de orações relativas nas narrativas escritas de escolares e adultos cultos, percebe-se que os dados de Corrêa (1998) também atestam a alta frequência das relativas de sujeito/objeto direto (125/147) e a extensão dessa forma (de sujeito e de objeto direto) para as cortadoras (15/147). Poder-se-ia relacionar essa discussão aos tipos de frequência discutidos por Bybee (2003): a frequência de tipo e de ocorrência. Percebe-se, na análise do fenômeno feita com base em diferentes *corpora*, um aumento significativo da *frequência de ocorrências* de estrutura relativa de sujeito e objeto. Concomitantemente, nota-se inclusive o aumento da *frequência de tipo* com a alta produtividade da cortadora com outras funções sintáticas.

Lope Blanch (1984) atestou que a baixa frequência de uso do relativo “cujo”, no espanhol, facilitou o aparecimento da duplicação pronominal na função de adjunto adnominal realizada com a combinação *que* + possessivo *su*, verificada no exemplo: *mencionamos aquellos diccionarios [...] que su uso em el campo de la docência es o ha sido generalizado [Seco, DDDLE, s.v.cuyo]*. Para o autor, tal fenômeno ocorreu pelo fato de o pronome relativo ter perdido o seu valor anafórico e ter passado a funcionar como mero elemento conector, se despronominalizando.

Cabe ainda resgatar o conceito de Heine (2003) sobre *generalização de expressões lingüísticas* na análise feita com dados da estratégia cortadora. Trata-se do resultado da extensão ou generalização contextual da estratégia padrão de sujeito/objeto. Segundo Heine, a forma que passa por esse processo mantém reflexos do significado original, porém, há ganhos de propriedades características dos seus usos em novos contextos. Só ocorre a extensão

quando um item pode ser usado em novos contextos em que não poderiam ser usados previamente. Entende-se, assim, que o item *que*, em construções como (28), mantém, do significado original, a propriedade de conectar orações, porém, não exerce função sintática como um pronome relativo canônico exerce em (29). Os resultados obtidos para cortadora, 71% do total de estruturas de sintagma preposicional, permitem-nos pensar em um caso de generalização: o falante deixa de realizar a preposição para construir uma estrutura mais geral e análoga à estrutura ou estratégia de relativização mais comum na língua (sujeito/objeto).

(28) Ele está sendo feliz com a garota *que* ele está saindo (CAa/I71)

(29) Ele está sendo feliz com a garota *com a qual/com quem* ele está saindo.

4.2.3. O inventário de relativos empregados e a partícula multifuncional *que*

Outro fator controlado foi o inventário morfológico de pronomes relativos empregados nas orações adjetivas. Como era de esperar, a partícula *que* foi a mais produtiva, confirmando sua atuação como relativo universal (BECHARA, 1999, p.492) e partícula multifuncional (CÂMARA 1979). As tabelas 5 e 6 apresentam a distribuição dos relativos por modalidade oral e escrita:

	Que	Onde	Qual	Total
Copiadora	18/470	0/25	0/1	18/496
	4%	0%	0%	4%
Cortadora	154/470	0/25	0/1	154/496
	33%	0%	0%	31%
Padrão	298/470	25/25	1/1	324/496
	63%	100%	100%	65%
Total	470/49695%	25/4964%	1/4961%	496100%

Tabela 5: Estratégias x distribuição dos relativos: dados de fala

Enquanto a tradição gramatical, de modo geral, reconhece como relativos os pronomes *que*, *qual* e flexões; *quem*; *cujos* e flexões; e os advérbios *onde*, *quanto* e *como*, em nosso corpus, nos dados de fala, só foram encontradas três formas: *que*, *onde* (25/496) e *qual* (1/496). Percebe-se que os poucos dados de *onde* (25 ocorrências) e *qual* (uma ocorrência) são categóricos nas relativas do tipo padrão. O item *que*, por sua vez, aparece nas três estratégias, com maiores índices na estratégia padrão (298/470). Na análise geral, o “*que*” aparece em 95% dos casos (470/496), resultado relevante, uma vez que ratifica a hipótese adotada nesse estudo. Agora os dados de escrita:

	Que	Onde	Qual	Cujo	Quem	Total
Copiadora	2/277	0/33	0/	0	0	2
	1%	0%	0%	0%	0%	1%
Cortadora	66/277	0/33	0	0	0	66
	24%	0%	0%	0%	0%	21%

Padrão	209/277	33/33	1	1	1	245
	75%	100%	100%	100%	100%	78%
Total	277/313	33/313	1/313	1/313	1/313	313
	88,4%	10,4%	0,4%	0,4%	0,4%	100%

Tabela 6: Estratégias x distribuição dos relativos: dados de escrita

Na escrita, como apresentado na tabela 6, há maior variedade de formas relativas - *que, onde, qual, cujo, quem* – porém, todas localizadas em relativas do tipo padrão, como observado nos dados de fala em que só o item *que* aparece em todas as estratégias. Partindo para uma comparação entre as modalidades, verificou-se que os índices de “*que*” na fala, nas relativas padrão, ocorrem em menor número se comparados com os resultados de escrita apresentados na tabela 6. Enquanto na fala encontramos 63% de “*que*”, na escrita identificaram-se 75%. Os índices de cortadora na fala com “*que*” também são maiores: 33% contra 24% na escrita, em outras palavras, os falantes “cortaram” mais as preposições na fala do que na escrita.

Os resultados, em suma, confirmam a perspectiva de Azeredo (2000) quando diz que a forma *que* é utilizada nas variedades coloquiais da língua. Os outros relativos, mais raros, apenas ocorrem em orações adjetivas canônicas.

Apesar da variedade de formas nos dados de escrita, não se pode considerar que nossos dados “satisfazam” as listagens de pronomes relativos da gramática tradicional, pois foram encontrados pouquíssimos dados dos outros relativos: um caso de *qual*, um de *cujo* e um de *quem*. Ratifica-se a posição de Tarallo (1994) de que os poucos casos de construções relativas com esses pronomes devem ser explicados pelo conservadorismo da língua escrita. Como justificar os altos índices do *que* na estratégia padrão e o uso categórico na cortadora e na copiadora senão pela “prioridade” que os falantes têm dado a tal forma? Assim, pode-se entender, no caso da estratégia padrão, que os raros casos de *onde, qual, cujo* e *quem* são resquícios de um sistema complexo, hoje, simplificado. O que terá acontecido com os casos de flexão? A escassez de dados do relativo *qual* (apenas 2 casos, um de escrita e um de fala), passível de flexão – *o (s) qual (is), a (s) qual (is)* - referenda a idéia da perda do caráter pronominal intrínseco ao elemento que encabeça a oração relativa, daí a ausência da concordância. No lugar de dizer, “*um aquário do qual eu mesmo cuido*” o falante tende a usar, “*um aquário que eu mesmo cuido*” (2/117), por essa última ser de mais “fácil processamento” e ser mais produtiva/freqüente como mecanismo hipotático básico de conexão sentencial. A ausência da concordância do relativo com SN (sintagma nominal) antecedente pode referendar a perspectiva do esvaziamento semântico do pronome e da perda do seu caráter anafórico.

Lope Blanch (1984) justifica a soberania da forma *que* nos casos de *despronominalização*. Segundo ele, essa escolha se dá por ser o *que* desprovido de flexão e coincidente com a conjunção introdutora das orações subordinadas completivas (substantivas).

Em síntese, confirma-se a soberania do *que* em português como preenchedor da posição COMP das adjetivas (TARALLO, 1994). O relativo *que* se gramaticalizou (ou está se gramaticalizando) e passando a ser uma partícula multifuncional conectando sentenças em

português, seja se prendendo a um verbo, no caso das orações substantivas, seja estabelecendo uma relação de dependência ou se prendendo a um nome antecedente no caso das relativas.

Considerações finais

Em suma, verificou-se que as estratégias de relativização não padrão são resultado da gramaticalização do item *que*. Os resultados expressivos da estratégia cortadora confirmam a automação da estrutura. A *freqüência de tipo e de ocorrência* (BYBEE, 2003) demonstrou papel relevante na explicação do fenômeno: a freqüência de uso das relativas de sujeito/objeto resultou no enfraquecimento semântico do *que* como um pronome anafórico e a generalização da estrutura superficial da estratégia cortadora em todos os contextos.

Nas construções relativas estudadas, o item *que* é o mais produtivo, o que evidencia a perda ou neutralização do traço flexional, propriedade remanescente dos relativos, mostrada com a escassez de dados do relativo *o qual* e flexões. Essa ausência de concordância aponta, sobretudo, para o esvaziamento semântico do pronome e para perda de seu caráter anafórico. As propriedades de conjuntor/conector/conjunção que foram assumidas nesse processo são as que diferenciam essa classe das do pronome relativo: a perda da flexão e o esvaziamento da propriedade de exercer função sintática na oração relativa. Ter-se-ia, então, um caso de *de categorização* (HOPPER, 1991), já que, tal princípio pressupõe neutralização de marcas morfológicas (flexão) e de propriedades sintáticas (termo da oração relativa).

ABSTRACT: This study focus is the grammaticalization processes of the particle 'that' (*que*) in the Brazilian Portuguese language, starting from three parallel relative clauses in spoken and written language. We use interviews which belong to the "Discourse and Grammar Project in Rio de Janeiro – UFRJ". A *corpus* was analyzed in order to experiment the behavior of those sentences, trying to ascertain the hypothesis that the particle 'that' (*que*) has been going by a grammaticalization process through which it would become a conjunction. We analyzed the behavior of the particle 'that' (*que*) in replacement to other relative pronouns, as well as the frequency in use of a relative-clause for subject and direct object and its influence in the use of the non-standard relative-clauses in use of the 'cutting' strategy for prepositional phrase.

Keywords: Grammaticalization; Relative pronouns; Connective; Relativization Strategies.

Notas

- 1 Também chamada de estratégia de pronome resumptivo (Kato, 1993) ou pronome lembrete. A cortadora também é conhecida como relativa de elipse.
- 2 Denominadas de complementadores por Mateus *et alii*, 2004, p. 597. No Brasil, utiliza-se mais freqüentemente complementizador.
- 3 Também conhecidas como completivas ou "orações integrantes na tradição gramatical luso-brasileira" (Mateus *et alii*, 2004, p. 595).
- 4 Por esse duplo papel funcional (subordinar uma oração a outra e exercer função sintática na oração que introduzem, os pronomes relativos foram chamadas de *relacionantes* por Barrenechea, 1963, ao passo que a conjunção integrante era designada como *subordinante* por apenas subordinar uma oração a outra.

- 5 Orações adjetivas ou de relativo, por sua vez, são assim chamadas pela equivalência semântica e sintática com o adjetivo, pois funcionam como adjunto adnominal e aposto.
- 6 Interessante observar, entretanto, que no interior das orações completivas há uma estrutura interna hierarquizada, como aponta Mateus *et alii* (2004, p. 598), com o complementizador/conjunção integrante e o constituinte oracional. Em (9), a completiva pode ser substituída por um item afirmativo (*sim*), *Maria disse que sim* e, nesse caso, tal item substitui o constituinte [*ligaria para você*].
- 7 Os pronomes relativos podem exercer diferentes funções sintáticas: sujeito, objeto direto, complemento relativo, adjunto adnominal, adjunto adverbial, complemento nominal, etc.
- 8 Adotamos a nomenclatura de Rocha Lima “complemento relativo” para as orações normalmente classificadas como de “objeto indireto”.
- 9 Optou-se por incluir, como Corrêa (1998), os poucos casos de “cujo” na tabela dos PPs, por tal relativo poder ser expresso por “de que(m), do qual”.

Referências bibliográficas

- ALARCOS LLORACH, E. *Estudios de Gramática Funcional del Español*. Madrid, Biblioteca Románica Hispánica, 1970.
- AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- BARRENECHEA, A. M. Las clases de palabras en español, como clases funcionales. *Romance Philology*, Vol. XVII, n2, novembro, pp. 301/9, 1963.
- BARRETO, Therezinha. Estruturas relativas In.: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: Editora de UFBA, 1996.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Lucerna, Edição revista e ampliada, 1999.
- BONDARCZUK, Simone de O. Gonçalves. *Gramaticalização da partícula hoti no grego antigo*. 2005. Dissertação (Mestrado Lingüística) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- BRUCART, José M^a. La estructura del sintagma nominal: Las oraciones de relativo. In.: BOSQUE, Ignacio y DEMONTE, Violeta, eds. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. 1395-522. [Vol. 1], 1999.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In.: JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (eds.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.
- BYBEE and HOPPER. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- CÂMARA JR., Mattoso. *História e Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1979.
- COMPANY COMPANY, Concepción. ¿Qué es un cambio lingüístico? In.: SOLER, Maria Ángeles y AIROLDI, Fulvia Colombo (Coord.) *Cambio lingüístico y normatividad*. México, Univ. Nac. Autónoma de México, 2003.
- COMPANY COMPANY, Concepción. Gramaticalización y dialetología comparada. Una isoglosa sintáctico-semântica del español. *DICENDA. Cuadernos de Filología Hispánica*. 20:39-71, 2002.

- CORRÊA, Vilma Reche. *Oração Relativa: O que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. 1998. Tese (Doutorado em Lingüística) - UNICAMP, Campinas, 1998.
- CRISTOFARO, Sonia. Grammaticalization and clause linkage strategies: a typological approach with particular reference to Ancient Greek. In.: RAMAT, Anna Giacalone and HOPPER, Paul J. (eds.) *The Limits of Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998.
- GIVÓN, T. Markedness in Grammar: Distributional, Communicative and Cognitive Correlates of Syntactic Structure. *Studies in Language* 15, 335-370, 1991.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In.: JOSEPH, Brian and JANDA, Richard D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.
- HEINE, Bernd *et alii*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In.: TRAUGOTT, E.C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Philadelphia, John Benjamins Company, 1991.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo, Ed. Ática, 2ª ed., 1997.
- KATO, Mary. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In.: ROBERT, Iam & KATO, Mary (orgs.). *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas/SP, Ed. da Unicamp, 1993.
- KURYLOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. *Diogenes* 51:55-71, 1965.
- LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa – 34ª edição (retocada e enriquecida)*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1997.
- LOPE BLANCH, J. M. Los nexos conjuntivos em las ‘Cartas’ de Diego de Ordaz. *Thesaurus*, XXXIX, 46-79, 1984.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. 1977. Dissertação (Mestrado Lingüística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- MOLLICA, Maria Cecília. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. In.: PAIVA, M. C. de e DUARTE, M. E. L. (org.) *Mudança lingüística em tempo real*, Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2003. p. 129-138.
- ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. *O caminhão que eu trabalhava com ele subia qualquer ladeira: um estudo sobre a gramaticalização do que*. 2005. Dissertação (Mestrado Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- TARALLO, Fernando. *Tempos Lingüísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Ática, 1994.



WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change, In.: LEHMANN, W & MALKIEL, Y., (eds.): *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.